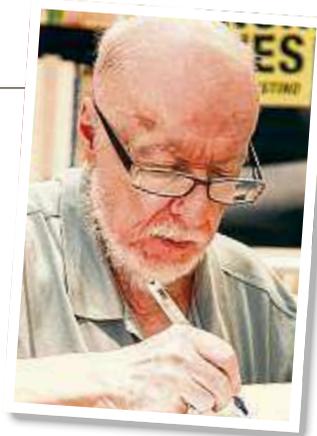


ENTREVISTA**José Augusto Ribeiro****“Tancredo colocou a transição democrática acima da própria vida”**

— Jornalista lança **primeira biografia** do presidente que liderou a redemocratização, Tancredo Neves. Foram mais de 15 anos de pesquisas

▄ **VINÍCIUS VALFRÉ**
vpereira@redgazeta.com.br

Sobre as teorias conspiratórias de que Tancredo Neves teria sido assassinado para não tomar posse no cargo de presidente da República, em 1985, o jornalista José Augusto Ribeiro garante: ao liderar a oposição contra a ditadura militar, o político mineiro sofreu diversas intimidações e ameaças de morte. No entanto, nada passa perto de atestar que a morte não tenha sido causada por consequências de uma diverticulite.

Após mais de 15 anos de pesquisas e da análise de arquivos disponibilizados pela família de Tancredo, José Augusto lançou esta semana a primeira biografia do político que liderou a redemocratização. “Tancredo Neves - A noite do Destino” tem quase 900 páginas e é lançado pela editora Civilização Brasileira.

Em agosto de 1984, o jornalista trocou o trabalho de repórter pelo de assessor de imprensa do então candidato ao Palácio do Planalto pelo Movimento Democrático Brasileiro (MDB), que reuniu a oposição ao regime militar. Amanhã completam-se 30 anos desde a data marcada para a posse do primeiro presidente civil após 21 anos de ditadura. Posse esta que nunca aconteceu. Tancredo fora internado na véspera e morreu em 21 de abril. O vice, José Sarney, tornou-se o presidente do país.

A foto escolhida para ilustrar a capa do livro é uma de Tancredo em plena cam-

“

Foi achado um bonequinho vodu no quarto onde Tancredo ficou doente, dentro do travesseiro. Isso não quer dizer que foi feito algo contra a saúde dele”

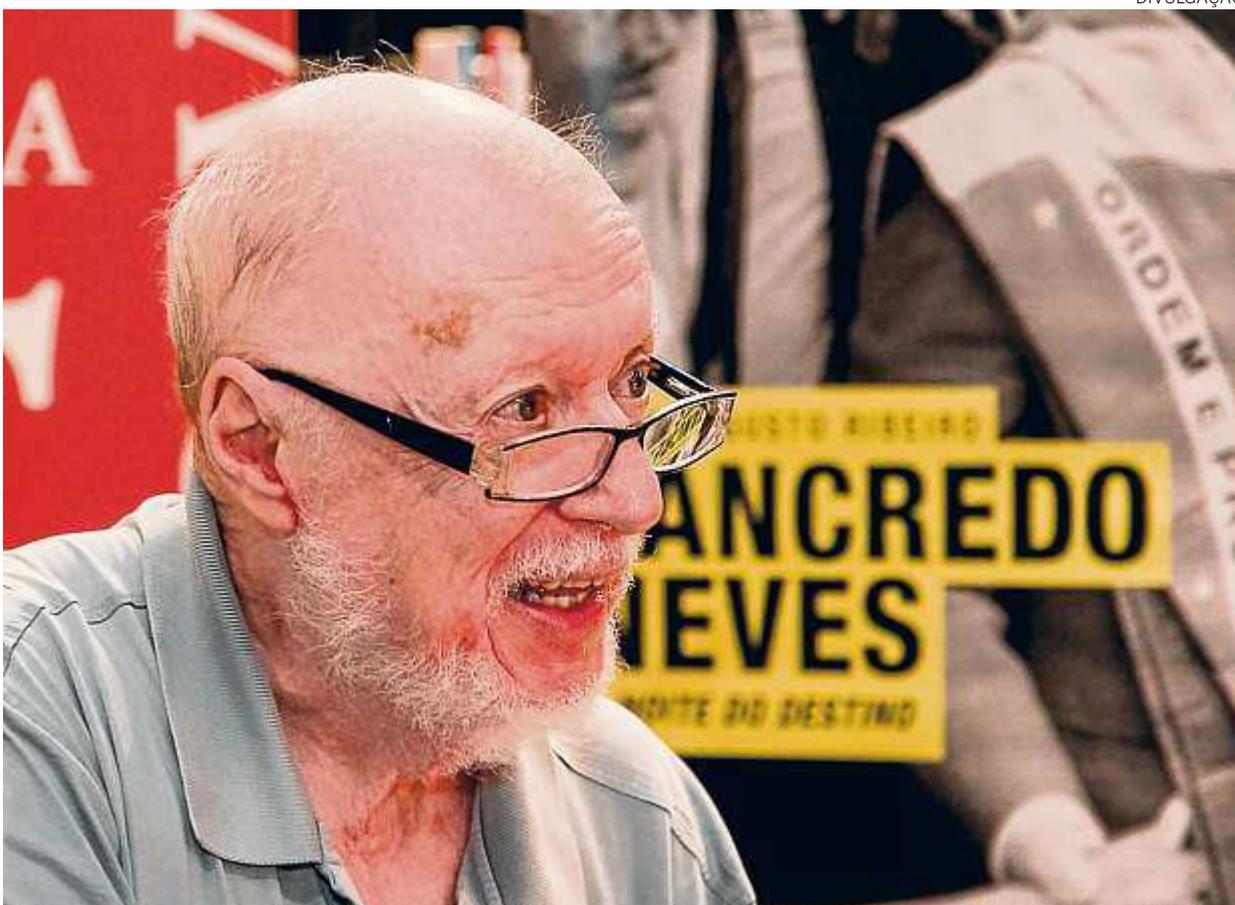
panha eleitoral em Vitória, em novembro de 1984. Ao lado dele, o então governador Gerson Camata, o senador José Ignácio Ferreira e o deputado Dilton Lyrio.

Por que a foto resolveu colocar a foto dos capixabas na capa do livro?

Foi dia 15 de novembro de 1984. Foi publicada na Veja e decidimos usar. A cena é emblemática. Não só pela bandeira no ombro, mas por causa da expressão dele caminhando em meio à multidão com aquela bandeira, todo orgulhoso. A foto exprime muito bem o perfil dele.

Tancredo conseguiu reunir toda a oposição contra a ditadura militar. Como observou esse processo de aglutinação das forças políticas?

Ele era habilidoso e inteligente. Havia uma cor-



rente na oposição que achava que a ditadura seria derrubada pelo confronto. Ele sabia que não tinha força para isso. Era preciso a candidatura de oposição atrair os parlamentares governistas insatisfeitos. Ele atraiu tanto os governistas que Paulo Maluf (candidato do governo), no fim da eleição, chamou um monte de amigos senadores e pediu para que votassem no Tancredo, para depois tentarem eleger o sucessor.

Aécio Neves aprendeu bem o método de fazer política do avô?

FIM DA DITADURA**30****anos**

Em 2015, completam-se três décadas desde o início da redemocratização.

Ele tem grande talento, mas, como a reportagem é sobre o avô, prefiro falar sobre o avô. Para fazer o livro tive muita ajuda do Aécio e da família toda, mas garanto que é totalmente independente. Ninguém leu uma página an-

tes da publicação. O Aécio mesmo só recebeu uma cópia hoje (véspera do lançamento, terça-feira).

Como o senhor foi parar na campanha de Tancredo Neves?

Trabalhei como assessor de imprensa dele de agosto de 1984 até março de 1985. Eu trabalhava na TV Bandeirantes antes. Tinha convivência com ele porque eu era cronista político. Falava muito com ele. Era minha fonte de informações. Em 1984, eu fazia comentários políticos na TV e trazia muito do surgimento

da candidatura de Tancredo Neves, algo que mexeu muito com os brasileiros. Eu tinha muita liberdade para falar disso. Aí, na campanha, fui convidado para ser assessor dele.

Há diversas teorias conspiratórias sobre a morte de Tancredo. Ele foi mesmo assassinado pelos militares?

Falo dessas teorias da conspiração. São várias. Surgiram notícias, uma vez, de que a Granja do Riacho Fundo, onde ele foi morar, tinha um garçom que morreu com os

DIVULGAÇÃO

mesmos sintomas dele. Também, talvez em algum momento em que estava no hospital, entraram pessoas do SNI e enterraram uma parafernália enorme de magia negra. Uma senhora de Pernambuco, sensível, contou que tinha essa bruxaria. Essa senhora de Pernambuco foi levada a Brasília e indicou onde estava a magia negra na Granja. Coincidiu também que foi achado um bonequinho vodu no quarto em que Tancredo ficou doente, dentro do travesseiro. Isso não quer dizer que foi feito algo contra a saúde dele. Os militares queriam mostrar que, assim como entraram no apartamento e deixaram um bonequinho, também podiam entrar para dar um tiro nele.

Foram casos isolados de ameaças ou eram constantes?

Ameaças aconteceram o tempo todo, mas foram todas para tentar intimidar. Se vivemos isso na campanha, porque descartaríamos hipótese de assassinato? Mas não temos provas para afirmar. Então, concluo que foi morte natural mesmo.

Como a equipe de segurança e o próprio Tancredo lidavam com essas ameaças?

Uma vez eu e o chefe da segurança estávamos no avião com ele voltando de São Paulo. Bateram na porta do avião quando decolaríamos. A torre não avisou nada. O capitão Pimenta decidiu abrir a porta. Era um homem com uma caixa com cocos na mão. Tancredo gostava muito de água de coco. O homem não falou quem tinha mandado entregar. O capitão mandou recolher e mandou eu ficar quieto. Quando chegamos a Brasília, o capitão levou o caixote em carro separado. Na manhã seguinte, fui procurar o capitão para saber que diabos era aquilo. Ele disse que, se fosse explosivo, o homem teria colocado do lado de fora do avião mesmo. Explosivo não era. Devia ser veneno, mas se ele levasse a um laboratório, a informação poderia vaziar e seria pior. O capitão achou melhor jogar o caixote no fundo de um lago. Até hoje não sabemos do que se tratava.

Pouco se fala da retirada

“

Ameaças à vida de Tancredo aconteceram o tempo todo, mas foram todas para tentar intimidar”



Na capa, Tancredo em meio a políticos capixabas

da base militar dos EUA de Fernando de Noronha. Foi articulada por Tancredo, então primeiro-ministro de João Goulart. Era período de Guerra Fria. Imagino que tenha sido uma negociação tensa.

Foi nada. Sei porque ele me contou. Uma vez perguntei a ele, enquanto senador, uma coisa de política externa. Ele disse que os jornalistas sempre perguntavam sobre outras coisas, e não perguntavam sobre a base fechada por ele. Eu disse que já era jornalista quando ele era ministro e não me lembrava de notícias sobre isso. Ele explicou que fez em segredo, porque era Guerra Fria. Se sáísse nos jornais os senadores americanos iam pedir investigações, convocar pessoas. Ele fez tudo em segredo. Havia acordo entre Brasil e EUA. Os americanos queriam que o governo brasileiro prorrogasse o acordo para manter a base. Quando o embaixador ia a Tancredo, ele dizia que precisava ouvir o Exército. Depois, a Marinha. Depois, a Aeronáutica. Depois, outro. Até que o embaixador se cansou e perguntou o que poderia fazer para devolvê-la. Tancredo: “Ah, isso a gente resolve agora”.

Sarney não era exatamente um quadro civil e carismático. A morte de Tancredo mudou a forma como os brasileiros abraçaram a democracia?

Ele fez muita falta. Já havia grande frustração por causa da derrota da emenda Dante de Oliveira. O governo Figueiredo praticou as maiores violências para impedir a aprovação. Lembro que, no dia da votação, a deputada capixaba Mirtes Beviláqua denunciou que a filha dela voltava de uma excursão e o ônibus foi interrompido por policiais. Todas as TVs e rádios foram proibidas pela censura de transmitir a votação da emenda. Eu estava trabalhando na cobertura e fui impedido de dar a notícia. Só pudemos noticiar meia hora depois. Para vencer essa frustração, Tancredo aceitou a candidatura a presidente no colégio eleitoral. Ele transformou a eleição indireta numa eleição direta. A segunda frustração foi a morte dele. Ele colocou compromisso com a transição democrática acima da saúde e da própria vida. Só aceitou ser operado quando teve garantia de que Sarney tomaria posse. Fez sete cirurgias. Sacrificou a própria vida pela pátria.

Que traços da personalidade guarda, aqueles dos momentos infortais?

Sabia ouvir. Ele viu muita coisa que seria errada e desagradável na própria campanha. Para ele, o que fez de mais importante no período de ministro foi o que não deixou acontecer. Não era de dar ordens grosseiras. Nunca recebi uma reclamação desrespeitosa dele. Na época da eleição, fizemos várias viagens à Europa e EUA. Uma companhia aérea ofereceu avião fretado e ele recusou. Usou voos de carreira. Queriam levar comitiva de 150 pessoas. Ele decidiu levar 15. Ele gostava de dar esses exemplos de respeito com a coisa pública para a equipe. Uma vez, no embarque, passando por um free shop, uma mulher apareceu com várias gravatas importadas. Ele: “Senhorita, que gravata linda. Gostaria muito de comprar. Pena que estou desprevenido”. Entendemos o recado. Não era para abusarmos nas compras.

“Para mim, a morte foi por infecção”

GILDO LOYOLA/ARQUIVO



Tancredo é recebido por Camata, então governador do Estado, em 1984

“ O ex-governador do Estado Gerson Camata sentiu-se homenageado por aparecer ao lado de Tancredo Neves na capa da primeira biografia dedicada ao político mineiro.

Quando Gerson e Tancredo eram, simultaneamente, governadores de Espírito Santo e Minas Gerais, fizeram parte do grupo de 16 governadores do Movimento Democrático Brasileiro que consideravam a “difícil a convivência com um presidente não eleito pelo povo”.

LEMBRANÇAS

Entre as histórias conjuntas, o capixaba lembra de uma “profecia” que fez durante comício de campanha de Tancredo ao governo de Minas Gerais, em 1982. Antes, o mineiro havia percorrido o Norte capixaba, para a campanha do amigo. Camata conta que, à época, a Guerra do Contesta-

NO HOSPITAL



“Toda hora entrava um, entrava outro. Tancredo estava internado, com a barriga aberta, e todo mundo entrando no hospital para falar com ele”

GERSON CAMATA
EX-GOVERNADOR DO ESTADO

do ainda dividia capixabas e mineiros. Por isso, ao tentar discursar em favor de Tancredo, não

foi bem acolhido pelos mantenedores.

“O pessoal de Minas tinha problemas com o pessoal do Espírito Santo. Os mineiros perguntavam o porquê de um candidato do Espírito Santo fazer campanha para o candidato de Minas Gerais. Eu disse a eles que fazia uma campanha pelo Brasil. Se eles elegessem Tancredo governador, elegeríamos ele o presidente do Brasil. Profetizei”, conta.

Quando Tancredo precisou ser internado às pressas, em 14 de março de 1984, Gerson Camata esteve na antessala da UTI. Acredita que o entrar e sair da unidade pode ter influenciado na história.

“Toda hora entrava um, entrava outro. Tancredo estava internado, com a barriga aberta, e todo mundo entrando no hospital para falar com ele. Tenho pra mim que ele morreu de infecção hospitalar”.

HISTÓRIA DE TANCREDO EM LIVRO

▼ Em Vitória

A foto na capa da biografia de Tancredo foi tirada na região da Praia de Camburi, após a multidão parar a comitiva que o levava a um hotel na Ilha do Boi, em 15 de novembro de 1984.

▼ Colégio Eleitoral

Tancredo foi eleito presidente em 15 de janeiro

de 1985, por 480 votos contra 180 de Paulo Maluf. A eleição foi indireta - sem voto do povo.

▼ Posse

A posse foi marcada para 15 de março de 1985. Na véspera, porém, Tancredo foi operado às pressas, por causa de diverticulite. O vice, José Sarney, foi

empossado interinamente.

▼ Morte

Em 21 de abril foi anunciada a morte de Tancredo.

▼ Livro

“Tancredo Neves - A Noite do Destino” foi lançado pela editora Civilização Brasileira. Custa R\$ 80.